

Um

Passo a vida a andar de um lado para o outro. Percorro as estradas e autoestradas de sul a norte e de leste a oeste, conheço pessoas de todas as cores e de todos os tamanhos. Algumas são extremamente magras, outras delgadas e ataviadas (homens e mulheres); há pessoas baixas e altas, há-as mais ou menos gordas e, depois, há os obesos. Nunca me sai do pensamento o tema das pessoas obesas. Fazem-me lembrar os quadros de Rubens quando visito o Prado; fazem-me lembrar as pinturas e as esculturas de Botero; fazem-me lembrar tantas e tantas imagens e circunstâncias com que me deparo nas minhas andanças pelas estradas e autoestradas de Espanha e parte da Europa.

Hiperobesos: é assim que são classificados. Há quem fale de supergordos, de enormes massas de gordura. Chamam-lhes A Bola, A Massa, A Montanha. Eles costumam rir-se, como se o tema lhes fosse alheio. Para não terem de aceitar a humilhação, fingem achar graça aos epítetos com que são brindados pelos enfermeiros: tornam-se cúmplices do escárnio. São gordos sem dinheiro; gordos pobres, claro. Os pobres gordos são gordos pobres e, ao

dizê-lo desta maneira, não tenciono participar na burla. Mas é verdade: na sua maioria, são gordos pobres enviados pela Segurança Social. Os ricos raramente acumulam tanta gordura. Os ricos praticam ténis, equitação, desportos que queimam calorías, e muito mais. Mas também há ricos obesos na Clínica de Endocrinologia e Tratamento da Obesidade de... Não, é melhor ficar por aqui. Não vou revelar onde se situa o Hospital de Gordos, como lhe chamam os autóctones. Direi apenas que se localiza num lugar de La Mancha. A frase sugere alguma coisa? Claro que sim, mas, com a permissão de Dom Miguel, não encontro melhor forma de o situar. Na clínica há muitos gordos pobres e uns poucos que são endinheirados. A estes os enfermeiros não atribuem epítetos vexatórios, pelo menos não lhos lançam à cara, a essas caras bochechudas formadas por enormes papadas e pálpebras inchadas. Se os enfermeiros e as enfermeiras designam os gordos ricos com qualquer mote indigno, quando a eles se referem, fazem-no em voz baixa, nas conversas que mantêm no gabinete, onde não possam ser escutados por estes pacientes bons pagantes e com uma certa influência, sendo por isso tratados como pessoas “com excesso de peso”. Só os gordos pobres são montanhas, bolas humanas, massas de gordura ou simplesmente adiposos extremos. O meu marido chegou a ser um deles. Não um gordo pobre, claro, mas antes um pobre gordo. Quem o diria, nos anos em que era um regalo para a vista, quando na praia de Sitges costumava bronzear a pele repleta de bíceps, tríceps, quadríceps, peitorais, abdominais? E que músculos abdominais tinha o José nos seus bons tempos! Eram do género a que chamam “tábua

de lavar a roupa”. E os braços? Não deixava de ser impressionante ver aqueles braços e antebraços tão poderosos, maciços como pilares de amarração. Era espantoso observar o contraste com a cintura estreita, como a de um bailarino, dizia o José, que até nem gostava de se pavonear nos seus bons tempos, e por vezes mostrava-se muito tímido, mas não quando se tratava de ostentar o físico. A mim, admito-o de boa vontade, o seu corpo de então deixava-me louca. Há quem diga que as mulheres, ao contrário dos homens, não apreciam tanto as características físicas do sexo oposto, mas mais a espiritualidade, a sensibilidade, a inteligência e demais atributos complexos e quase indefiníveis. Não sei, mas, mesmo que aprecie todas essas qualidades, também é certo que o corpo do José, nos seus bons tempos, me deixava acelerada. Não eram tanto os braços, mas também, e sobretudo, o seu ventre musculado e os glúteos. Meu Deus, tinha cá um cu, o José! Excitava-me passar-lhe as palmas das mãos pelas nádegas duras, cada vez que se punha em cima de mim.

Mas estou a perder o fio à meada; sempre que evoco aquela época, caio na nostalgia. Dizia eu que o José chegou a ser um desses gordos enormes, e talvez por isso, por se tornar visível que ia ganhando peso, sempre que visitava o Hospital de Gordos para oferecer os produtos que comercializava, era muito bem recebido, como se o pessoal e os residentes intuíssem que acabaria por se integrar naquele âmbito. Camas reforçadas com elevação para pés e tronco; cadeiras de rodas com largura dupla e estrutura de aço reforçado; gruas para levantar os pacientes da cama e sentá-los na cadeira de rodas, e içá-los da sanita, para os erguer

da cadeira de rodas e metê-los na cama, para os sentar na maca das radiografias, para os retirar da cama e metê-los no esquife. Pobres gordos!

Naqueles anos, quando o José era gordo, mas não tanto ainda, entrava na clínica com o passo pesado mas sem perder a delicadeza dos gestos. “Muito boa tarde, doutor Carmona, vejamos do que estamos necessitados”, dizia ao diretor, que era a quem primeiro se dirigia. O doutor Carmona fazia-o esperar entre meia hora e uma hora e meia; entretanto, o José percorria os pisos e falava com médicos, enfermeiros e pacientes. “Funciona bem a nova cadeira, António?”, perguntava a um dos gordos. O António queixava-se da potência do motor elétrico e das rodas, parecia que rodavam com uma certa dificuldade. Mas não era um problema de motor ou de rolamentos, tratava-se do peso do paciente, que já passava dos 170 kg. A cadeira estava muito reforçada, é certo, mas 170 kg são muitos quilogramas. Precisava de um novo motor, seria necessário trocar as rodas por outras maiores e mais largas, e para isso também era necessário reforçar os eixos. Enfim, o melhor seria construir uma cadeira nova, mas, claro, isso custa muito dinheiro, e António era um gordo pobre. Pior, muito pior, era a situação de Lorenza: com os seus 260 kg, como não era içada pela grua e, para ir à retrete, já não saía da cama, a estrutura de aço maciço pesava quase meia tonelada. Há quem resista a acreditar que existam pessoas tão gordas, como aquele que no *Livro Guinness dos recordes* é mencionado como o homem mais obeso que existiu, o norte-americano John Minnoch, que em março de 1978 chegou a pesar 635 kg. Submeteram-no a um regime de baixas

calorias que fez com que perdesse algum peso; mesmo assim, quando morreu, a balança marcava 362 kg. Rosalie Bradford (também referida no *Guinness*) pesava 544 kg no ano de 1987. Muitos perguntarão: e onde estão todos esses gordos, que nunca se veem? Pois claro, como é que querem vê-los pelas ruas se estão todos internados ou não saem de suas casas, e quando saem, melhor dito, quando os sacam de lá, é por meio de uma grua ou dentro de um caixão? O José, o meu pobre José, chegou a ser um desses.

É verdade, nós não os vemos. Nunca vemos o deficiente mental profundo que, à semelhança de uma larva, se arrasta pelo piso de uma clínica psiquiátrica e balbucia incoerências. Não vemos o doente com paralisia cerebral que a família não quer que se veja, cuja baba é incontrollável e tem os membros amarrados. Não vemos o demente incurável, com os lábios roídos, que devorou a própria língua e que não pode ser libertado da sua camisa de forças para evitar que continue a autofagia. Mas eu, sim, eu vi esse tipo de gente. Também o José viu muitos, assim exigia o nosso trabalho.

Portanto, quando o doutor Carmona atendia o meu José, entregava-lhe uma lista de encomendas: cadeiras de rodas, macas, duas ou três camas reforçadas, convidando-o em seguida a despir-se da cintura para cima a fim de o auscultar. “Seja moderado com a comida e a bebida, José, caminhe mais, corte nas massas e nos enchidos, se não vai ter de passar de fornecedor a paciente”. O meu marido ria-se e argumentava que sempre soube conter-se a tempo, mas, quando o doutor Carmona o informava da sua hipertensão, o José começava a levá-lo a sério e prometia fazer dieta

e voltar ao exercício, já que, por essa altura, movia cada vez menos o corpo.

Mas tinha-o movido muito. E como o tinha movido! Ainda há noites em que, ao sonhar com imagens, vejo os musculosos abdominais do José que pareciam serpentes ondulantes alinhadas em paralelo, umas sobre as outras, porque ele balanceava-se ao som da música maquinal apenas coberto por um *slip* minúsculo e os peitorais para cima e para baixo e *chacachacachaca bum*: música maquinal; festa de despedida de solteira. Era pela Teresita, que se casava no sábado seguinte (o casamento durou muito pouco tempo, apenas um ano, ou pouco mais). Na quinta-feira à noite, tínhamos organizado uma festa na discoteca Marabu, na estrada da costa, a 10 mil pesetas por cabeça, porque era a época em que ainda regia a peseta e, na altura, embora 10 mil não fosse pouco, valia a pena pois havia *buffet* e cuba livre à discrição. Além disso, os três borrachões que faziam o espetáculo cobravam quinze mil cada um, por atuação. Sim, valia a pena porque eram uns borrachões a valer e eventualmente a pouca massa cinzenta que alguma vez possuísem acabou por ser absorvida pela massa muscular e, por conseguinte, não deviam ser muito inteligentes, opinava a Rosita, que era professora de História no liceu onde eu ensinava Biologia. E que importava se eram ou não cerebrais aqueles rapazes que foram contratados para mostrar músculos e chumaço e estimular os nossos risos e gritinhos e piadas, que também não se pode dizer que fossem demasiado subtis...? Não estávamos na festa para representar subtileza nem inteligência nem cultura, claro que não: o que todas queríamos era divertir-nos e ter

uma noite inesquecível. Afinal, quantas vezes na vida pode uma mulher acariciar a coxa de um rapagão e rir-se como uma louca enquanto uma companheira grita “Apalpa-lhe o chumaço, Marina, apalpa-lhe o chumaço!”...? “Cala-te, Juana, já estás bêbeda que nem um cacho”, respondi-lhe. Mas a Juana insistia: que lhe apalpasse o chumaço, que o apalpasse para ver se estava bem apetrechado ou se não era só forro. E as outras raparigas, todas elas, riam-se como doidas e uivavam, e soltavam gritinhos histéricos, e eu, que até então tinha participado como mais uma louca, comecei a sentir um certo aperto, motivo pelo qual larguei o José que, um pouco antes, permitira que lhe apertasse os bíceps e os tríceps, rijos como mangueiras para apagar incêndios quando passa a água sob pressão – que certa vez apalpei uma dessas superfícies de borracha reforçada e, por isso, sei do que falo e também chego à conclusão que isso tem a ver com a recordação de quando eu agarrava o membro do José. Não na festa de despedida da Teresita, claro que não, pois a primeira festa íntima que eu e o José Serra tivemos ocorreu quase dois meses depois, no dia em que momentaneamente conseguiu vencer a timidez e veio, por fim, ao café situado na esquina do liceu. Nessa altura, decidi simular que o encontro tinha sido casual, e naquela primeira ocasião – nessa mesma noite, no meu apartamento, que não sei onde fui buscar a coragem – também não me atrevi a certas confianças e o José não se esforçou por pedir-mas. Pelo menos não se esforçou até umas semanas depois de nos termos casado, porque nos casámos sem demoras – e não vou dizer que me alegro pouco, sobretudo porque já me imaginava solteira para o resto da vida com

o pesado do tio Hilario como único parente. Foi assim que na primeira vez foi tudo mais ou menos moderado, já disse que era um pouco tímido o meu José. Apercebi-me de que o era enquanto lhe apalpei os bíceps pela primeira vez e a Juana insistia para que lhe apalpassse o chumaço, ao que lhe respondi que estava bêbeda que nem um cacho. Senti um certo embaraço, é verdade que sim, mas creio que o José se apercebeu do meu pudor e também ele sentiu vergonha, apesar de estar acostumado a este tipo de demonstrações e às habituais subidas de tom, próprias das despedidas de solteira. Sim, foi acometido por um forte rubor, e quando vi que lhe coravam as maçãs do rosto senti uma espécie de ternura, como se o Adónis em exibição fosse apenas uma criança envergonhada. Nesse momento, acreditei ter cheirado pela primeira vez as emanções das suas gónadas; nesse momento, sei-o bem, nesse momento, comecei a apaixonar-me pelo José, que anos mais tarde, quando se dedicava à atividade de caixeiro-viajante por todo o território de Espanha na promoção e venda de artigos sanitários e de ortopedia, já não tinha os bíceps rijos e também não era habitual endurecer-lhe o órgão genital, por mais que eu desse o melhor de mim para o estimular. É que a gordura e a diabetes não dão tréguas, embora o pior sejam as consequências do abuso de esteroides: quando um tipo como o meu José meteu no corpo toda aquela testosterona artificial, os testículos deixaram de a produzir. Ao começarem com esse vício, tornam-se mais aguerridos e parecem mais machos que nunca, mas ao fim de algum tempo deixam de funcionar como homens. Essa é a verdade.

Ao princípio, o José não sabia que tinha diabetes, mas

o doutor Carmona mandou-o fazer umas análises ao sangue e foi assim que se descobriu a doença.

– Já lhe disse, José, tem de ter cuidado. Por agora não precisa de tomar insulina, e se emagrecer poderá evitá-lo por bastante tempo, mas para isso tem de me dar ouvidos: faça dieta, caminhe, deixe o álcool. Enfim, você sabe muito bem como se deve tratar, portanto, ponha mãos à obra.

– E pesos, doutor? Acha que posso voltar a levantar pesos?

Pergunto a mim própria se, ao dizer isto, ele teria tentado dar um tom grave à voz, que nos últimos tempos, por culpa dos anabolizantes, se tornara mais aguda. Não sei, mas não o imagino consternado, como se estivesse resignado a aceitar uma vaga culpa. É quase inevitável que as vítimas do excesso de peso e da dependência da comida se sintam culpabilizadas: julgam-se autoras de iníquas malfetorias praticadas contra si próprias. Se se injetaram com esteroides é pior, muito pior. Imagino o meu José, sentado na cadeira forrada de camurça azul que está em frente à secretária do doutor Carmona, com o peso dos braços assente nos apoios da cadeira; o ventre inchado que subia e descia agitadamente. Posso imaginar a sua angústia de derrotado e a sensação de se encontrar sob um olhar inquisidor, a começar pelo raio de sol que lhe devia incidir em pleno rosto, uma vez que atrás do assento do doutor Carmona há uma ampla janela que deixa passar a luz do dia.

– Pesos? Acho que sim, José, mas com moderação. Lembre-se que costuma ter a tensão alta. Mas nunca mais volte a tomar anabolizantes nem drogas parecidas.

O certo é que, no apogeu do seu esplendor, a ambição do José era desenfreada, nunca se conformava nem acreditava

estar suficientemente em forma: horas e horas de ginásio, supinos, polias, barra fixa. À força de o ouvir repetir incansavelmente aquela interminável nomenclatura culturista, fiquei a saber como se desenvolvem os ombros, o músculo trapézio, os quadríceps e toda aquela série de músculos esqueléticos a que certos homens, e também algumas mulheres, dão tanta importância.

Quando voltei a vê-lo, dois meses depois da despedida de solteira da Teresita, o José não parecia querer fazer valer a sua potência muscular para me seduzir. Como me lembro daquela tarde! Recordo-me principalmente das horas anteriores, as horas de rotina, pois não se passava nada do outro mundo, e tanta normalidade pareceu-me uma coisa estranha. O mesmo de sempre. Quando estou submersa na hipernormalidade, começo a pressentir que um facto crucial para a minha vida está para acontecer. Ou algumas catástrofes que afetarão outras vidas, como a do tsunami, por exemplo. Quero dizer que tenho uma recordação muito viva daquela tarde em que o José Serra me apareceu pela frente. Parece-me estar a vê-lo de pé, ao meu lado. Estava sentada à mesa a rever os exames dos meus alunos. Ele inclinara-se um pouco e esboçava um sorriso tímido. Usava uns óculos Armani redondos, que lhe ficavam a matar. Nesse momento, eu ignorava que as lentes não tinham graduação: tinha comprado os óculos para parecer mais interessante, para conseguir um ar de intelectual que contrastasse com os seus atributos de macho bem constituído. Como era inocente!

– Tu és a Marina Pons, não és? Não te lembras de mim?

Como era possível não me lembrar, se a imagem do seu corpo me ficara ligada às recordações mais persistentes (e o cheiro, claro, o cheiro também). A imagem do seu corpo, mas sobretudo a do seu rosto; a imagem das faces que de repente ficaram enrubescidas (e o cheiro, o cheiro!). Maçãs do rosto realçadas pelo rubor, tal como as minhas, quando a Juana, a de Matemática – que é a minha melhor amiga –, lhe deu para gritar “Apalpa-lhe o chumaço, Marina, apalpa-lhe o chumaço!”. Tinha o mesmo rubor nesse momento, enquanto perguntava se eu era a Marina Pons quando, sem dúvida, sabia que o era e eu também sabia que o encontro não seria casual, pois a Juana já me tinha avisado que ele tinha estado a perguntar por mim, pela minha morada, pelo meu número de telefone e, como não lho tinham dado, pelo menos pôde averiguar em que liceu eu trabalhava. Tinha aquele rubor próprio dos adolescentes, que eu tantas vezes conseguira surpreender em alguns dos meus alunos, embora os rapazes da atualidade sejam muito mais desavergonhados do que os da minha geração. Mas, enfim, também devo reconhecer que o José não era muito mais velho do que esses miúdos que faziam o secundário. Era muito jovem, visivelmente mais jovem do que eu e, no entanto, naquela tarde estava disposta a correr o risco porque, como já disse, ele deixava-me acelerada. Eu também o atraía. Naquele momento, tive a certeza de que sentia muita atração por mim, e isso fez-me sentir segura. Não sei porque é que fui acometida por semelhante convicção (talvez pelo cheiro, sim, talvez). Nunca fui feia, é verdade, mas também não podia gabar-me de grande beleza. Sou uma mulher normal, que tinha tido poucas escaramuças

românticas nas três décadas e picos que levava de vida. Digo escaramuças românticas, não experiências sexuais, porque dessas também tive, sobretudo na puberdade. Tive-as, mas prefiro esquecê-las. Em contrapartida, aqueles primeiros tempos com o José – que, sem dúvida, foi o primeiro amor da minha vida – nunca os quererei esquecer. Dizia, pois, que era uma mulher normal, uma trintona habituada ao celibato e à solidão. Nos sábados ao meio-dia costumava almoçar com o tio Hilario e à tarde ia ao cinema com alguma amiga, quase sempre uma colega do liceu; ao domingo, preferia ficar em casa para ler e ver televisão; uma ou duas vezes por ano reunia no meu apartamento uns poucos artistas e intelectuais, nenhum deles demasiado célebre; outras vezes, convidavam-me para um *cocktail* ou uma exposição de pintura. Nos dias de semana, durante o ano letivo, levantava-me às sete e, depois do duche, chegava o momento de me estudar diante do espelho: ao cabelo, de cor castanha, que quase sempre usava curto, não achava muita graça. O nariz era demasiado fino, tal como o rosto; de pómulos, nada de nada. O pior era o meu corpo, achava-me um tanto magra para o meu gosto: os peitos pareciam-me pouco relevantes, faltavam-me todas as curvas que sonhara ter. Um junco, diziam as minhas amigas, quando pretendiam lisonjear-me. Já alguém viu um junco com silhueta curvilínea? Agora que tenho mais uns dez anos, o meu corpo apresenta-se muito diferente: parece mentira como, a algumas mulheres, nos faz sentir tão bem ganhar peso. Digo ganhar peso, não digo engordar, ter um bom busto e um pouco mais de cu... é incrível como mudamos ao longo da vida. Mas naquele tempo não era o tipo

de mulher que deixava os homens loucos, e mesmo assim tinha a certeza de que o José Serra gostava muito de mim, não menos do que a atração que sentia por ele. De modo que, quando veio ter comigo como que num encontro casual, deixei-me de rodeios, convidei-o a sentar-se à minha mesa e reconheci que, naturalmente, me lembrava muito bem dele. Mas recordava-o coberto apenas com um *slip* minúsculo, saracoteando-se e exibindo o corpo musculoso, deixando que lhe apalpássemos as carnosidades... Por isso, surpreendia-me um pouco vê-lo vestido de fato e gravata e com aqueles óculos que faziam com que parecesse um jovem e ambicioso arquiteto. Gostou da comparação.

– Vê bem como são as coisas. Eu gostava de ter estudado arquitetura.

– E porque não o fizeste?

– Coisas da vida.

– Claro, coisas da vida. E a que te dedicas, além do negócio das festas de despedidas de solteiras?

– Sou representante comercial.

– Ah, sim? E o que vendes? – Mal fiz a pergunta arrependi-me da minha impertinência, pensei que talvez pudesse parecer um interrogatório policial, sobretudo porque notei que ele dava a impressão de estar constrangido. Mas já estava feito, não era possível voltar atrás.

– Ora, sei lá. Às vezes, vendo seguros; outras vezes, máquinas de *fitness*, qualquer coisa. O certo é que agora estou sem trabalho.

Mais uma vez, voltou a corar. No fundo, era como uma criança. O mais curioso neste fenómeno é que o seu rubor tinha cheiro, ou pelo menos assim me pareceu. Ao sentir-se

afogueado, o José punha em ação toda a potência do seu sistema hormonal. É uma convicção que tenho, embora haja quem possa contestá-lo e fale de deformação profissional, uma vez que eu ensinava Biologia; ou quem diga que a forte exalação a macho com o cio, que naquele momento golpeou a minha pituitária, seria apenas uma fantasia febricitante ou pura e simplesmente suor. Mas, porventura, não serão as glândulas sudoríparas estimuladas pela testosterona?

Testosterona. Maldita testosterona! Houve um dia em que o José não se conformou com aquela que tinha dentro de si por natureza e quis mais. A testosterona torná-lo-ia mais macho e os seus músculos ficariam enormes: norandrostenediol; androstenediona; metenolona; gonadotropina. Uma coisa é certa: no momento do seu maior esplendor, a sua ambição cresceu desenfreadamente.

Mas, naquela tarde, no café, ele ainda não se dopava, de modo que, se na verdade cheguei a cheirar as emanações da sua masculinidade, as causas terão sido as próprias hormonas de que o José era dotado por natureza. Será possível que tais eflúvios sejam tão intensos? Estou convencida de que, já naquele primeiro encontro, o meu sentido do olfato foi atacado pela mensagem das gónadas do macho e isso destroçou-me ao ponto de perceber que as minhas próprias faces ardiam. Da minha parte, estaria a espalhar estrogénio e progesterona a rodos?

Quem me conhece daquela época e não sabe que mudei considera que sou demasiado cerebral e, por conseguinte, estou sempre a tentar explicar o inexplicável, mas as explicações são posteriores, porque o meu cérebro – ou a zona do neocórtex, como quiserem – naqueles instantes estava

fora de ação. Naqueles instantes só atuava em mim o mais primário e irrefreável instinto animal. Por outro lado, como o meu arranque poderia justificar, aproximei o meu rosto do seu e de repente procurei o encontro dos nossos lábios. Como é óbvio, não pensei sequer no tio Hilario.

– Parecias uma cadela com o cio, rapariga! – censurou-me no dia seguinte, com um sorriso de escândalo, Juana Pardós, a de Matemática (de quem já disse que é a minha melhor amiga). Sim, a Juanita, a mesma que na festa me incitava a apalpar o chumaço do José. – Parecias um animal, uma louca! O que é que te passou pela cabeça para dares um espetáculo daqueles no café, a menos de cem metros do liceu? Foste vista por um montão de alunos, pelo professor de Música, pelo diretor de estudos...

– Tu também me viste, Juana?

– Claro que também vi. Precisamente quando estava a entrar pude ver como estavam os dois tão agarrados, até parecia que estavam possessos.

– Que estranho, eu não cheguei a ver-te.

– Como é que podias ver-me, se só tinhas olhos para aquele energúmeno? Quando saíram dali parecia que caminhavam enganchados. Não cumprimentaste ninguém, como se o resto do mundo tivesse deixado de existir.

– A culpa é das hormonas, Juanita – repliquei com um sorriso.

– Ah, sim? Pois claro, as hormonas! Deu para ver: salpicavas estrogénio em todas as direções. As paredes escorriam hormonas, o chão ficou empapado.

Desatámos as duas às gargalhadas até os olhos se encherem de lágrimas. Passados uns instantes, quando sossegámos,

a Juanita perguntou-me o que tinha acontecido, e então contei-lhe que tinha levado o José para o meu apartamento e que em menos de três minutos estávamos na cama com a roupa a meio por despir e a copular como bestas.

– E foi bom?

– Se foi bom? Maravilha! Nem podes imaginar.

– E quantas vezes?

– Olha lá que não és nada discreta, Juanita. Por acaso não queres que te dê todos os pormenores?

– Claro, os pormenores. Exijo que me contes todos os pormenores.

– Que tipo de pormenores queres saber? Diz-me.

– Um muito importante: quantas vezes?

– Sei lá. Não tenho a certeza, mas creio que o José deve ter-se dado ao gosto umas quatro ou cinco vezes.

– Que animal! E tu, quantas vezes?

– Eu? Eu... só uma vez, mas durou toda a noite. Comecei ao fim de poucos minutos e continuou até de madrugada.

A Juanita lançou um uivo. Um uivo autêntico e nada que se parecesse com uma discreta exclamação. Foi um grito que toda a gente no café ouviu e foi obrigada a dirigir o olhar para nós. Suponho que muitos dos paroquianos imaginariam do que estávamos a falar. Não duvido que tudo aquilo faria aumentar a minha reputação de ninfomaníaca.

– Fico contente por ti, rapariga, mas agora tens o liceu inteiro a cochichar. Perdeste a tua fama de senhora séria – disse a Juana, com um risinho.

– E talvez a minha auréola de frígida: queres acreditar que hoje dois alunos olharam para mim com um ar provocador?

Voltámos a rir, e quando recordo aqueles dias é-me impossível evitar o ardor nos olhos e aquela espécie de congestão entre a garganta e a parte alta do tórax que revela uma forte emoção, no meu caso a da dita perda, mas também um misto de angústia e felicidade nostálgica. Sou frequentemente acometida por esse estado enquanto estou a conduzir por qualquer das estradas ou autoestradas do território espanhol, antes ou depois de preencher as folhas de encomenda nos diferentes estabelecimentos hospitalares que abasteço com material sanitário. Em muitas ocasiões, a meio do caminho, quando me confronto com as reminiscências, vejo-me obrigada a parar, se possível na área de descanso da autoestrada – de preferência, à sombra de uma árvore –, e então deixo o passado continuar a apoderar-se de mim. Irremediavelmente, sou transportada para os momentos mais intensos vividos com o José e a evocação é tão forte que a tristeza se transforma até ao ponto de começar a arder. Imagino então que o asfalto da estrada e toda a paisagem cheiram a pura testosterona e a minha pituitária não parece encontrar descanso antes que eu estremeça pelo menos um par de vezes; se é certo que pouco tempo depois de enviuar estive com muitos homens e, na maior parte desses encontros, não passei mal, ninguém mais do que o José, que descansa em paz, é capaz de fazer cócegas na minha imaginação e na minha memória. Não é porque não tivesse tentado recrear-me sozinha com a imagem de outros machos com os quais partilhei lençóis e almofada, mas nenhum dos amantes mais ou menos ocasionais com os quais procurei aliviar a minha solidão cheirou tanto a testosterona como o meu José.